

---

## ESCREVIVER: O ENSINO COMO ATO POÉTICO EM TEMPOS DE PANDEMIA

---

ESCREVIVER:  
TEACHING AS A POETICAL ACT IN PANDEMIC TIMES

---

ESCREVIVER:  
LA ENSEÑANZA COMO ACTO POÉTICO EN TIEMPOS DE PANDEMIA

---

*Ayanne Sobral<sup>1</sup>, Lúcia Castello Branco<sup>2</sup>*

### RESUMO

O texto propõe uma reflexão a respeito da noção lacaniana de “ato psicanalítico”, articulando-o às ideias de “ato poético”, em sua dimensão ética e política. Propõe-se pensar, a partir das ideias de Jacques Lacan, acerca de seu próprio ensino, e de Maria Gabriela Llansol, acerca do ensino conduzido por ela e Augusto Joaquim na Escola da Rua de Namur, na Bélgica, nos anos 1970, sobre a potência de vida do “ensino como ato poético” na universidade federal brasileira, sobretudo no período de 2020 a 2022, quando fomos atropelados pelo real de uma pandemia e pela realidade de um governo mortífero no Brasil. Escrito em parceria entre uma aluna e uma professora, o artigo pretende construir uma reflexão teórica a partir de uma experiência de ensino, tanto na perspectiva do docente quanto na do discente, o que já culminou na escrita de um livro em parceria, que se propõe a dar os primeiros passos em direção a um conceito, o de “psicanálise literária” – a ser desdobrado pela aluna na construção de sua tese de doutorado. Articulada à noção de “escrever” – a ser desenvolvida pela docente em sua atual pesquisa do CNPq –, a psicanálise literária aposta na escrita e no ato poético como “passagens de vida” no contexto das universidades públicas brasileiras, mais do que nunca, ameaçadas de morte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ato psicanalítico. Ato poético. Ensino.

---

<sup>1</sup> Psicanalista. Doutoranda em Literatura e Cultura - Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, BA - Brasil. **E-mail:** [ayannesobral@gmail.com](mailto:ayannesobral@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Literários - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, MG - Brasil. Escritora, Psicanalista. Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Letras - Faculdade de Letras - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, MG - Brasil. **E-mail:** [castella.branco@gmail.com](mailto:castella.branco@gmail.com)

**Submetido em:** 20/07/2022 – **Aceito em:** 22/02/2023 – **Publicado em:** 31/03/2023

**ABSTRACT**

The text proposes a reflection on the Lacanian notion of "psychoanalytic act", articulating it to the ideas of "poetic act", in its ethical and political dimension. It is proposed to think, from the ideas of Jacques Lacan, about his own teaching, and of Maria Gabriela Llansol, about the teaching by her and Augusto Joaquim conducted at Escola da Rua de Namur, in Belgium, in the 1970s, about the life power of "teaching as a poetic act" at the Brazilian federal university, especially in the period from 2020 to 2022, when we were run over by the real of a pandemic and by the reality of a deadly government in Brazil. Written in partnership between a student and a teacher, the article intends to build a theoretical reflection from a teaching experience, both from the teacher's and the student's perspective, which has already culminated in the writing of a book in partnership, which proposes to take the first steps towards a concept – that of "literary psychoanalysis"–, to be unfolded by the student in the construction of her doctoral thesis. Articulated with "escreviver" – a notion to be developed by the professor in her current CNPq research – literary psychoanalysis bets on writing and the poetic act as "life passages" in the context of Brazilian public universities, which are more than ever threatened with death.

**KEYWORDS:** Psychoanalytic act. Poetic act. Teaching.

**RESUMEN**

El texto propone una reflexión sobre la noción lacaniana de "acto psicoanalítico", articulándola a las ideas de "acto poético", en su dimensión ética y política. Se propone pensar, a partir de las ideas de Jacques Lacan, sobre su propia enseñanza, y de María Gabriela Llansol, sobre la enseñanza impartida por ella y Augusto Joaquim en la Escola da Rua de Namur, en Bélgica, en la década de 1970, sobre el poder vital de la "enseñanza como acto poético" en la universidad federal brasileña, especialmente en el período de 2020 a 2022, cuando fuimos atropellados por lo real de una pandemia y por la realidad de un gobierno mortífero en Brasil. Escrito en coautoría entre un estudiante y un docente, el artículo pretende construir una reflexión teórica a partir de una experiencia docente, tanto en la perspectiva del docente como en la del estudiante, que ya culminó en la escritura de un libro en coautoría, que propone tomar los primeros pasos hacia un concepto – el de "psicoanálisis literario"–, a ser desplegado por la estudiante en la construcción de su tesis doctoral. Articulado con la "escreviver" – noción a ser desarrollada por la profesora en su actual investigación del CNPq – el psicoanálisis literario apuesta por la escritura y el acto poético como "pasajes de vida" en el contexto de las universidades públicas brasileñas, más que nunca amenazadas de muerte.

**PALAVRAS-CLAVE:** Acto psicoanalítico. Acto poético. Enseñanza.

## 1 O ENSINO COMO ATO

“É raríssimo que uma coisa feita na Universidade possa ter consequências, uma vez que a Universidade é feita para que o pensamento nunca venha a ter consequências.”

Jacques Lacan, **Meu ensino**

“Eis, portanto, o que poderíamos, valendo-nos dela, chamar a Universidade sem condição: o direito de princípio de dizer tudo, ainda que a título de ficção e de experimentação do saber, e o direito de dizê-lo publicamente, de publicá-lo.”

Jacques Derrida, **A universidade sem condição**

Tomemos essas duas epígrafes que abrem este texto como eixos que nortearão nosso pensamento neste artigo, como vêm nortear, desde 2020, o projeto “Intervenções bárbaras: o ensino como ato poético”, nossa proposta de cooperação entre sete universidades públicas brasileiras, no campo do ensino das Humanidades – literatura, artes visuais, filosofia, psicanálise, linguística, antropologia –, em sua articulação com a pesquisa e a extensão.

Tomemos a ideia de “universidade sem condição”, elaborada por Derrida, articulando-a à crítica de Lacan, quando este afirma a universidade como inconsequente, como o espaço de um pensamento sem consequências. Lembremos que Derrida, em sua vertente desconstrutivista, propõe que a universidade seria o espaço do pensamento incondicional – o espaço do livre pensar –, ao mesmo tempo em que esse livre pensar é sem condição, na universidade, uma vez que ela é como uma cidadela exposta, sempre pronta a capitular: “Por não aceitar que lhe imponham condições, às vezes ela é compelida, exangue, abstrata, a se render também sem condição” (DERRIDA, 2003, p. 21). Entre o sem consequências e o sem condição, situa-se, paradoxalmente, o incondicional, e é este o que nos interessa, ao propor o ensino como ato poético: abraçar o projeto da universidade pública brasileira de maneira incondicional, tensionando ao máximo o que poderia ser o pensamento sem consequências e sem condição, para transformá-lo numa práxis, que então denominaremos de “prática da letra”.

Como fazer para transformar o que parece ser da ordem da pura abstração em uma prática que afinal venha a ter efeitos sobre a comunidade que a ela se abre? Como fazer o “sem condição” ser atravessado pela força de resistência do incondicional? Ou, nas palavras de Derrida, como fazer da independência da universidade uma independência soberana?

Pode a Universidade (e de que maneira?) afirmar uma independência incondicional, reivindicar uma forma de soberania, uma espécie bem original, uma espécie excepcional de soberania, sem nunca se arriscar ao pior, a saber, em função da abstração impossível dessa soberana independência, ter que se render e capitular sem condição, deixar-se conquistar ou comprar a qualquer preço? (DERRIDA, 2003, p. 21-22)

Arriscamo-nos, pois, a buscar a soberania excepcional da universidade numa prática de ensino tão difundida quanto desconhecida – a prática da letra –, que tem, na escrita de alguns escritores, o seu norteamo. E temos nos arriscado a pensar essa prática a partir do que temos chamado de “ato poético”. O que é um ato poético? Melhordizando, sem nos precipitarmos na necessidade de adjetivar: o que é um ato?

### *1.1 Alguns pressupostos*

Ouçamos Lacan, em sua conferência “Lugar, origem e fim do meu ensino”, proferida em 1967, no asilo Vinatier, em Lyon: “Um ato não é simplesmente alguma coisa que sai da gente assim, uma descarga motora, como diz volta e meia e sem cerimônia uma certa teoria analítica” (LACAN, 1967-1968, p. 30). Em todo um seminário proferido na mesma época, com o nome de “O ato analítico” (1967-1968), Lacan procurará cernir a ideia do “ato analítico” como uma intervenção que, para além da interpretação, produz um corte que, por sua vez, produz efeitos sobre o paciente. O ato, assim, tem a ver com o corte e com a palavra, mas se distingue justamente a partir dos efeitos que produz: “A psicanálise, espera-se, pelo menos em princípio, supõe-se, ao menos pelo fato de que vocês estão aqui para me ouvir, que a psicanálise, isso faz alguma coisa” (LACAN, 1967-1968, s.p.).

Pensem, então, no ensino que desejamos, na universidade. Dele esperamos que faça alguma coisa. Que coisa é essa? Digamos que, para nós, que nos situamos no campo das Humanidades, mesmo quando buscamos uma articulação dessas Humanidades com o campo da Ciência, o que esperamos é que esse ensino possa produzir efeitos análogos aos de um “ato poético”. Resta-nos, portanto, precisar o que um ato poético é capaz de fazer, pois, como observa o próprio Lacan, sabemos ainda muito pouco sobre seus efeitos:

Isso faz, isso não basta, é, está no ponto central, é a visão poética propriamente dita da coisa, a poesia também faz alguma coisa. Por ter ultimamente me interessado um pouco pelo campo da poesia, notei, assim, de passagem, quão pouco temos nos perguntado sobre o que faz a poesia e a quem e sobretudo – por que não? – aos poetas. Talvez, indagar sobre isso seja uma forma de introduzir em que consiste o ato na poesia. Mas isso não é nossa preocupação hoje, já que se trata da psicanálise, que faz algo, mas certamente não no nível, no plano, no sentido da poesia. (LACAN, 1967-1968, s.p.)

O que pensamos, então, sobre um ensino universitário que tem a pretensão de tomar como seus pressupostos as ideias de Jacques Lacan e da escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol (que, ao lado de Augusto Joaquim, durante os anos 1970, conduziu uma escola para filhos de exilados, na Bélgica), e que tomará como método as práticas da letra, é que ele também faça alguma coisa. E ainda mais: que essa coisa, não sendo certamente do mesmo nível daquela que a psicanálise faz, possa a ela se aliar, produzindo consequências que, afinal, chamaremos de “efeitos psicopoéticos”.

Às ações afirmativas que então sugerimos como ramificações do ensino que entendemos como ato poético temos chamado de “intervenções bárbaras”, entendendo o “bárbaro” em sua variada acepção: desde o radicalmente outro, o estrangeiro por excelência, e mesmo o não civilizado, até o que pode vir a ser extremamente interessante, extraordinário. Lembremo-nos, a esse respeito, das palavras de Bataille:

Esses extremos são recobertos pelos termos civilização e barbárie – ou selvageria. Mas o uso dessas palavras, ligado à ideia de que há bárbaros de um lado e civilizados do outro, é enganador. Com efeito, os civilizados falam, os bárbaros se calam, e aquele que fala é sempre civilizado. Ou, mais exatamente, a violência é silenciosa, já que a linguagem é, por definição, a expressão do homem civilizado. Essa parcialidade da linguagem tem muitas consequências: não apenas civilizado, a maior parte do tempo, quis dizer “nós”, e bárbaro “os outros”, mas civilização e linguagem se constituíram como se a violência fosse exterior, *estranha* não apenas à civilização, mas ao próprio homem (o homem sendo a mesma coisa que a linguagem). (BATAILLE, 2013, p. 214)

O que nos interessa, afinal, como propõe Augusto Joaquim para a pedagogia da escola comunitária que veio a dirigir com Maria Gabriela Llansol, é “uma nova barbárie que não tenha vergonha do seu nome” (LLANSOL; JOAQUIM, 2019, p. 125). Até onde essas ideias e métodos podem nos levar? Por ora, deixemos ressoar as palavras de Derrida, em **A universidade sem condição**:

Em suma, o que quer dizer professar? E que ainda está em jogo nesta questão, relativamente ao trabalho, ao ofício (profissional, professoral ou não), à Universidade de amanhã e, nela, às Humanidades?

Palavra de origem latina, “professar” [...] significa em francês, como também em inglês, declarar abertamente, declarar publicamente [...]. A declaração de quem professa é uma declaração de algum modo performativa [...]. Professar é dar um penhor, empenhando sua responsabilidade [...] E o que conta aqui é essa promessa, esse compromisso de responsabilidade.

Vê-se que ele não é redutível nem à teoria, nem à prática. Professar consiste sempre num ato de fala performativo, embora o saber, o objeto, o conteúdo do que se professa, do que se ensina ou se pratica permaneça de ordem teórica ou constativa [...].

Que relação há entre professor e trabalhar? Na Universidade? Nas Humanidades? (DERRIDA, 2003, p. 30)

## 2 AS INTERVENÇÕES BÁRBARAS E A COVIDA

Foi em torno dessas ideias que construímos o projeto “Intervenções bárbaras: o ensino como ato poético”, que veio a ter o seu começo de realização num dos períodos mais duros de nossa história: atravessados pela pandemia da Covid-19, em todo o mundo, e vivendo a experiência de um desgoverno especialmente mortífero, no Brasil. Com as universidades, de início, completamente paralisadas e, em seguida, funcionando precariamente com o ensino remoto, as primeiras intervenções se deram por “aulas-poema” no formato de breves *podcasts*, veiculados pela plataforma do Spotify<sup>3</sup>, com leituras de textos literários, sobretudo de Maria Gabriela Llansol, mas também de Clarice Lispector e outros escritores, formando comunidades de leitura e de tradução que abrigaram desde os poetas franceses traduzidos por Llansol até as experiências multiculturais no ensino, transmitidas pela professora Maria Inês de Almeida, com a participação de educadores e artistas indígenas.

E foi assim que iniciamos os cursos no Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, da UFBA, que depois se reuniram aos seminários do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários, da UFMG, e dos Programas de Pós-graduação em Educação e em Psicanálise: clínica e cultura, da UFRGS, universidade que passou a integrar o projeto com a atuação da Prof<sup>a</sup>. Simone Moschen e de sua supervisada de pós-doutorado Rosi Bergamaschi Chraim. São, então, três universidades federais, quatro programas de pós-graduação e duas professoras com a colaboração de duas orientandas a conduzir, numa pequena comunidade, esses cursos em torno dos quais se reúnem cerca de 50 alunos de várias partes do País. O que esses cursos nos trazem de novo?

Em primeiro lugar, a experiência do encontro síncrono com alunos, professores e psicanalistas de diferentes partes do Brasil. Em segundo lugar, a possibilidade do exercício das práticas da letra na educação a distância, trazendo a dimensão do escrito e do ato poético para o campo do que poderíamos chamar, com Austin, de atos de fala<sup>4</sup>. Finalmente, e neste momento em que as formas de presença precisaram ser reinventadas, a possibilidade de um

<sup>3</sup> Os *podcasts* podem ser localizados na plataforma do Spotify pelos títulos “Intervenções bárbaras: o ensino como ato poético/comunidade de tradução”, por Janaína de Paula; “Gestos de intervenção bárbara”, por Lucia Castello Branco; e “Intervenções bárbaras/Entre Rios”, por Maria Inês de Almeida.

<sup>4</sup> Sobre a articulação entre o ato de fala, o ato psicanalítico e o ato poético, ver Felman (1980).

“estético convívio”<sup>5</sup>, como o nomeia Maria Gabriela Llansol, que se sustente como uma forma de **covida** – de vida compartilhada –, em um momento em que somos radicalmente ameaçados e contaminados por um contexto mortífero. Isso não é pouco e não são sequer mensuráveis os “efeitos psicopoéticos” que daí possam advir, tanto para aqueles que professam quanto para aqueles que se deixam atingir pelas “profecias sem garantias” dos atos poéticos.

Pensemos, então, no ensino que pretende, mesmo a distância, afetar os corpos pela promoção de experiências, e não exatamente pela transmissão de um saber. Pensemos, com Jorge Larrosa, que a experiência “tem algo da opacidade, da obscuridade e da confusão da vida, algo da desordem e da indecisão da vida” (LARROSA, 2018, p. 40). E que, sobretudo,

a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2018, p. 40)

**Tremores** (LARROSA, 2015): esse era o livro que líamos, no segundo dia de aula numa turma de 60 alunos de pós-graduação do Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da UFBA, num curso que se intitulava “Mulheres em trânsito” e que se propunha como disciplina-oficina piloto de um projeto que apostava na experiência do ato poético. Esse era o livro que líamos, juntos, no primeiro semestre de 2020, quando o curso foi imperiosamente interrompido pela pandemia. No último trânsito antes da paralisação geral do País, a professora traria em seus braços, no avião de volta para Minas Gerais, apenas um novo livro. Era do mesmo autor, Jorge Larrosa, e se chamava justamente **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício do professor (2018).

### 2.1 *Esperando não se sabe o quê*

#### *O que esperar?*

O curso do primeiro semestre de 2020 na Universidade Federal da Bahia havia sido interrompido em sua segunda semana de aula; os prédios da universidade se fechavam, enquanto notícias incertas, vindas de toda parte do mundo, chegavam causando assombro e desespero; a orientação passou a ser de isolamento social, pois era necessário se proteger e proteger os outros de uma ameaça iminente, um vírus, sobre o qual ainda não se sabia muita

<sup>5</sup> Expressão utilizada por Maria Gabriela Llansol, ao longo de sua obra, para se referir ao convívio entre as diferentes espécies do planeta que conseguem alcançar, simultaneamente, uma dimensão ética e estética.

coisa.

No Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da UFBA, professores e alunos – que vêm, em grande parte, de outros lugares do País – voltam para suas cidades natais; no curso “Mulheres em trânsito”, aquele que se propunha inicialmente como uma disciplina-oficina e, portanto, uma espécie de laboratório das práticas da letra, passa-se a buscar formas de continuar, pois era preciso continuar. A professora – literalmente uma “mulher em trânsito” – voltava da Bahia para Minas Gerais com esse desejo e um livro. A eles – à professora e ao livro – começaram a se juntar alunos matriculados e alunos clandestinos<sup>6</sup>, professores de outros cursos, estudantes de outras áreas, artistas, filósofos e escritores, todos em torno de um propósito comum: continuar, apesar de.

Mas o que esperar dessa aposta e desse desejo, eles não sabiam.

Apesar de remeter a **Esperando Godot**, de Samuel Beckett, o título do livro de Jorge Larrosa é extraído do romance da escritora Marguerite Duras, **Barragem contra o pacífico** (2003), que conta a história de uma tarefa impossível: a luta de uma mãe contra o mar. Depois de comprar terras no litoral da Indochina, a mãe de Joseph e Suzanne busca, obstinadamente, construir barragens contra as marés de julho que todos os anos invadiam e secavam suas terras, tornando-as inférteis. Acontece que se tratava de um trabalho fadado ao fracasso, pois o oceano, implacável, é impossível de ser barrado. Mas isso não impedia a mãe de tentar.

“Tenho certeza de que todas as noites ela recomeça suas barragens contra o pacífico. A única diferença é que elas têm ou cem metros de altura, ou dois metros de altura [...] Mas, pequenas ou grandes, ela recomeça todas as noites. Era uma ideia bonita demais” (DURAS, 2003, p. 273). Talvez possamos pensar que a tarefa que aquela mãe toma para si, quase como uma missão, aproxima-se muito da impossibilidade com a qual a própria Marguerite Duras esbarrou durante toda a vida: “Escrever. Não posso”, ela diz. “Ninguém pode. É preciso dizer: Não se pode. E se escreve” (DURAS, 1994, p. 47). É nesse movimento de ir (com o desejo, com a obstinação) e voltar (com o fracasso e a impossibilidade) que localizamos também o ofício do professor, que, quando exercido com alguma radicalidade, toca sempre em um ponto impossível.

Nesse sentido, o título **Esperando não se sabe o quê**, de Jorge Larrosa, “deve ser lido em relação a uma vontade infatigável de recomeçar, de novo e de novo” (LARROSA, 2018, p. 11), uma “espécie de espera desesperada de que alguma coisa que não se sabe aconteça” (LARROSA, 2018, p. 11). Não por acaso, no texto **Análise terminável e interminável** (1937),

---

<sup>6</sup> Assim decidimos nomear os alunos que não estavam regularmente matriculados nos cursos (professores, psicanalistas, artistas, pesquisadores em geral), mas que nos acompanharam em todos os semestres, formando, com os alunos regulares, turmas absolutamente integradas e produtivas.



Sigmund Freud diz que há três ofícios impossíveis – educar, psicanalisar e governar: “Em um primeiro estágio, aceitei o *bon mot* que estabelece existirem três profissões impossíveis – educar, curar e governar –, e eu já estava inteiramente ocupado com a segunda delas” (FREUD, [1937] 1976, p. 341). Freud, o pai da psicanálise, parece se dar conta de que esses ofícios – que aqui, para nós, ficam mais no campo do ato do que no da profissão – não oferecem nenhuma garantia, que seus resultados são sempre inesperados e imprevisíveis e que, além disso, eles comportam duas exigências fundamentais: o recomeço e a esperança.

Para Jorge Larrosa, o ofício do professor – e, por que não?, do escritor e do psicanalista – “é exercido, ainda, em um tempo cíclico, quase camponês. O tempo deste é um ciclo em que tudo acaba, morre, desaparece, mas também é um tempo em que tudo volta, retorna, recomeça. Semeia-se, cuida-se, colhe-se, volta-se a semear, a cuidar, a colher” (LARROSA, 2018, p. 32). Foi nesse sentido que, inspiradas pela **covid**, isto é, a (im)possibilidade da vida compartilhada na realidade pandêmica daquele ano de 2020, iniciamos os cursos *on-line* que se estendem, semestre após semestre, até hoje, mostrando ser possível criar, em torno do desejo de prosseguir – de escrever<sup>7</sup> –, uma comunidade dos absolutamente sós, dos clandestinos, dos que, uma vez por semana, durante uma hora e meia, são convidados a respirar em um ritmo muito próprio, devagar e silencioso.

Assim, a partir do projeto “Intervenções bárbaras: o ensino como ato poético”, foram realizados, até o primeiro semestre de 2022, quatro cursos – “Mulheres em trânsito” (2020), “Coisa literária, coisa de louco” (2021.1), “Práticas da letra: Llansol e a psicanálise literária” (2021.2) e “Práticas da letra: conversa (in)Finita com Llansol” (2022.1) –, fazendo com que universidades públicas federais brasileiras permanecessem vivas (em um contexto tão mortífero) e conversando entre si; fazendo com que pessoas das mais diversas partes do País – do Rio Grande do Sul ao Piauí, passando por São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Ceará – se encontrassem e firmassem laços que, de outro modo, não seriam possíveis.

Se “o que o professor faz quando inicia um curso não é apenas propor um caminho mas também dis-por uma maneira de começar a andar, de seguir em frente”, como aponta Larrosa (2018, p. 32), acreditamos que algo se cumpriu nesse e a partir desse projeto de intervenções bárbaras. Não conseguimos, é claro, erguer uma barragem capaz de interromper a invasão de um gozo mortífero – havia e há, ainda, um vírus; um governo negando vacinas; milhares de mortes por dia –, mas talvez tenha sido possível construir, na prática da letra, um litoral que nos permita uma abertura para vislumbrar outros mundos no mundo em que vivemos.

---

<sup>7</sup> Noção que vem sendo desdobrada por Lucia Castello Branco em seu atual projeto de produtividade em pesquisa do CNPq: “Escrever: a escrita do vivo e a psicanálise literária” (2022-2026).

### 3 ESCREVIVER

É nesse sentido que temos apostado no escrever como um *modus vivendi*, que se arrisca na “escrita do vivo”, numa espécie de “militância poética” e na direção do que chamamos de “psicanálise literária”<sup>8</sup>, que não consiste numa receita de vida ou numa terapia para o bem viver, mas numa possibilidade de vida sem garantias, em que a afirmação do vivo não ignora “a literatura e o direito à morte” (BLANCHOT, 1997). Ao contrário, trata-se de pensar que, sendo a palavra “a vida que carrega a morte e se mantém nela” (BLANCHOT, 1997, p. 314-315), o vivo talvez venha a ser aquilo que suporta a morte, sem, contudo, sucumbir a ela.

É também por essa razão que aqui trazemos a textualidade da escritora Maria Gabriela Llansol, cuja obra temos lido ao longo dos últimos 30 anos e que tem sido tema dos cursos oferecidos, como objeto de investigação sobre o que propomos com a noção de “escrever”, pensada como método também no ensino: a afirmação do vivo como uma modalidade de escuta e escrita poéticas. E, dando ênfase às questões propostas por Llansol, em discurso proferido em Troia, em 1991, por ocasião do prêmio conferido pela Associação dos Críticos Portugueses (APE) ao livro **Um beijo dado mais tarde**, indagamos:

Como continuar o humano?  
Que vamos nós fazer de nós?  
Que sonho vamos nós sonhar que nos sonhe?  
Para onde é que o fulgor se foi?  
Como continuar estes cenários de “já visto” e “revisto” que nos cercam?  
(LLANSOL, 1994, p. 120, grifos da autora).

Toda a textualidade de Maria Gabriela Llansol parece ter se construído como uma afirmação do vivo: sem hierarquia entre o humano, o animal e o vegetal; sem a construção de personagens, mas apostando na metamorfose das figuras, que não estão vivas nem mortas e “não podem estar sujeitas a uma lei de acabamento da própria vida” (LLANSOL, 2011, p. 49); e tendo na clorofila “a primeira matéria do poema” (LLANSOL, 2000, p. 12).

É esta nossa aposta com as “Intervenções bárbaras: o ensino como ato poético”. É esta nossa militância, em tempos sem fulgor: a militância poética, que é também política e ética: po-ética. É esta nossa aposta no infinitivo de um verbo: “escrever”. A educação como um tremor, o tremor da experiência. Insistir no infinitivo de um ato poético – escrever –, apontando para o infinito de uma experiência ou para o desejo de “uma eternidade que só pode ser alcançada no devir” (DELEUZE, 2011, p. 16).

---

<sup>8</sup> Ver, a respeito, Branco e Sobral (2022).

## REFERÊNCIAS

- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- BRANCO, Lucia Castello, SOBRAL, Ayanne. **O que é psicanálise literária?** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2022.
- DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. *In: Crítica e clínica*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 11-17.
- DERRIDA, Jacques. **A universidade sem condição**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- DURAS, Marguerite. **Barragem contra o pacífico**. São Paulo: Arx, 2003.
- DURAS, Marguerite. **Escrever**. Trad. Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- FELMAN, Shoshana. **Le scandale du corps parlant** : la séduction en deux langues. Paris: Seuil, 1980.
- FREUD, Sigmund. **Análise terminável e interminável** (1937). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 23).
- LACAN, Jacques. **Meu ensino**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- LACAN, Jacques. **Seminário 15: o ato analítico** (1967-1968). [Inédito]
- LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- LLANSOL, Maria Gabriela. **Entrevistas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- LLANSOL, Maria Gabriela. **Onde vais, Drama-Poesia?** Lisboa: Relógio D'Água, 2000.
- LLANSOL, Maria Gabriela. Para que o romance não morra. *In: Lisboaaleipzig 1: o encontro inesperado do diverso*. Lisboa: Rolim, 1994. p. 116-123.
- LLANSOL, Maria Gabriela; JOAQUIM, Augusto. **A escola dos contra-grupos: uma nova geografia pedagógica e social**. Lisboa: Espaço Llansol/Mariposa Azul, 2019.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos que nos acompanharam e ainda nos acompanham na experiência das intervenções bárbaras. Em especial, agradecemos aos clandestinos que fazem corpo com os alunos regulares, em copresença nas janelinhas das aulas remotas, “nicho frágil de escrita comum”.

**Revisão gramatical realizada por:** Alice Bedê.

**Email:** [alicebede@gmail.com](mailto:alicebede@gmail.com)